

Stephen Fry

“Stephen Fry revive
os mitos com brilho,
humor e inteligência.”

The Times



HERÓIS

As aventuras mais épicas dos heróis da mitologia grega

 Planeta minotauro

Stephen Fry

HERÓIS

As aventuras mais épicas dos heróis da mitologia grega



Tradução
Val Ivonica



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Stephen Fry, 2018

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Copyright da tradução © Val Ivonica, 2026

Todos os direitos reservados.

Título original: *Heroes: Mortals and Monsters - Quests and Adventures*

Preparação: Laura Folgueira

Revisão: Diego Franco Gonçalves e Luana Negraes

Projeto gráfico e diagramação: Marcela Badolatto

Capa: Jon Kennedy

Ilustrações de capa: Sarah Young

Adaptação de capa: Heleni Andrade

Imagens de miolo: Perseu e Andrômeda - François Lemoyne (1723);

Belerofonte matando a Quimera - Peter Paul Rubens (1635);

Bucolica, Georgica, et Aeneis - François Pascal Simon Gérard (1798);

Os Argonautas passam pelas Simplégades - Bernard Picart (1733);

Meleagro e Atalanta - François Chauveau (1643); Édipo em Colono -

Jean-Antoine-Théodore Giroust (1788); Inferno - O Minotauro no

Penhasco Despedaçado - Gustave Doré (1857).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Fry, Stephen

Heróis : as aventuras mais épicas dos heróis da mitologia grega / Stephen Fry ;
tradução de Val Ivonica. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.

400 p. : il.

ISBN 978-85-422-4390-1

Título original: *Heroes: Mortals and Monsters - Quests and Adventures*

1. Mitologia 2. Mitologia grega 3. Mitologia clássica 4. Deuses I. Título II. Ivonica, Val

26-3305

CDD 398.22

Índices para catálogo sistemático:

1. Mitologia

Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

O SONHO DE HERA

Café da manhã no monte Olimpo. Zeus está sentado na cabeceira de uma longa mesa de pedra, tomando um gole de néctar e pensando no dia que começa. Um a um, os outros deuses e deusas do Olimpo chegam e colocam-se em seus assentos. Por fim, Hera entra e ocupa seu lugar na extremidade oposta ao marido. Seu rosto está corado e o cabelo, desalinhado. Zeus levanta os olhos, meio surpreso.

— Em todos os anos que a conheço, você nunca se atrasou para o café da manhã. Nem uma vez.

— Não, de fato — concordou Hera. — Aceite minhas desculpas, mas dormi mal, estou inquieta. Tive um sonho perturbador noite passada. Muito perturbador. Gostaria de ouvir como foi?

— Claro — mentiu Zeus, que, como todos nós, tem horror a ouvir os detalhes dos sonhos de quem quer que seja.

— Sonhei que estávamos sendo atacados — explicou Hera. — Aqui no Olimpo. Os gigantes se revoltaram, escalaram a montanha e nos atacaram.

— Ai, ai...

— Mas era *sério*, Zeus. Toda a raça deles se uniu e nos atacou. E seus raios brilhantes eram tão inofensivos para eles quanto agulhas de pinheiro. O líder dos gigantes, o maior e mais forte deles, veio atrás de mim pessoalmente e tentou... se... se impor.

— Puxa, isso é mesmo perturbador — concordou ele. — Mas, no fim das contas, foi só um sonho.

— Foi? Será mesmo? Era tudo tão nítido. Parecia mais uma *visão*. Uma profecia, talvez. Já tive outras dessas antes, você sabe.

Era verdade. Com o papel de Hera como deusa do matrimônio, da família, do decoro e da boa ordem, ficava fácil esquecer que ela era também dotada de visões poderosas.

— E como acabou?

— Foi estranho. Fomos salvos pelo seu amigo Prometeu e...

— Ele *não é* meu amigo — retrucou Zeus.

É proibido fazer qualquer menção a Prometeu no Olimpo. Para Zeus, o som do nome de seu outrora caro amigo é como suco de limão em um corte.

— Como queira, meu caro, estou só contando o que sonhei, o que vi. E o estranho é que junto de Prometeu tinha um homem mortal. E foi esse humano que tirou o gigante de cima de mim, jogou-o do Olimpo e salvou todos nós.

— Um homem, você diz?

— Sim, um humano. Um herói mortal. E no meu sonho ficou claro para mim, não sei bem como nem por quê, mas ficou claro, muito claro, que esse homem descendia da linhagem de Perseu.

— Perseu, você diz?

— Perseu. Sem sombra de dúvida. Me passe o néctar, meu caro...

Zeus passa o jarro pela mesa.

Perseu.

É um nome que ele não ouvia há tempos.

Perseu...



A CHUVA DE OURO

ACRÍSIO, governante de Argos,¹ não tendo produzido nenhum herdeiro homem para seu reino, procurou o conselho do oráculo em Delfos para saber como e quando poderia esperar um. A resposta da sacerdotisa foi perturbadora:

O rei Acrísio não terá filhos, mas seu neto o matará.

Acrísio amava sua única filha DÂNAE, mas amava ainda mais a vida. Ficou claro, pelo oráculo, que deveria fazer tudo ao seu alcance para evitar que qualquer homem em idade reprodutiva se aproximasse dela. Por isso, ordenou a construção de uma câmara de bronze sob o palácio. Trancada nessa prisão reluzente e inexpugnável, Dânae recebeu todo o conforto terreno e todas as companhias femininas que desejava. Afinal, Acrísio disse a si mesmo, ele não tinha coração de pedra.²

Ele havia selado a câmara de bronze, protegendo-a contra todos os invasores, mas não contava com a lascívia do onisciente e astuto Zeus, cujos olhos haviam caído sobre Dânae e que estava naquele exato momento ponderando como poderia penetrar nessa câmara selada e ter seu prazer. Ele gostava de um desafio. Em sua longa carreira amorosa, o Rei dos Deuses havia se transformado em todo tipo de entidade exótica para ir atrás de mulheres desejáveis e, de tempos em tempos, também homens. Estava claro

1. Uma das mais importantes cidades-Estado gregas. O nome dado ao seu povo, os argivos, foi muitas vezes usado por Homero como sinônimo de “grego”. Dizem que Filipe II e seu filho Alexandre, o Grande, embora macedônios, eram originários de Argos.

2. O poeta romano Horácio, em suas *Odes*, transformou a câmara de bronze em uma torre de bronze, e daí em diante ela tem sido com frequência retratada como um minarete de conto de fadas, como o da Rapunzel. As fontes iniciais insistem, no entanto, que era apenas um quarto, com fendas no teto para deixar entrar luz e ar.

para ele que, para conquistar Dânae, precisava inventar algo melhor do que os touros, ursos, javalis, garanhões, águias, veados e leões de sempre. Era necessário algo menos convencional...

Uma noite, uma chuva dourada escorreu pela estreita fenda da clara-boia, despejou-se no colo de Dânae e a penetrou.³ Pode ter sido um coito pouco ortodoxo, mas Dânae engravidou e, no devido tempo, com a ajuda de suas leais camareiras, deu à luz um menino mortal saudável, a quem deu o nome de PERSEU.

Além de perfeitamente saudável para um mortal, Perseu veio com um par de pulmões potentes. Por mais que tentassem, nem Dânae, nem as criadas conseguiam sufocar os lamentos e gritos do bebê, que atravessaram as paredes de bronze da prisão até os ouvidos do pai dela, dois andares acima.

Foi terrível presenciar a raiva de Acrísio ao ser confrontado com a visão de seu neto.

— Quem ousou invadir seu quarto? Diga-me o nome dele e eu o farei ser castrado, torturado e estrangulado com os próprios intestinos.

— Pai, acredito que tenha sido o próprio Rei dos Céus que veio até mim.

— Você está me dizendo – alguém pode, por favor, calar a boca desse bebê?! – que foi Zeus?

— Pai, não posso mentir... foi ele.

— Muito provável, mesmo. Foi o irmão de uma dessas suas malditas criadas, não foi?

— Não, pai, foi como eu disse. Zeus.

— Se esse pirralho não parar de gritar, vou sufocá-lo com esta almofada.

— Ele só está com fome — respondeu Dânae, levando Perseu ao peito.

Acrísio estava furioso. Apesar da ameaça da almofada, sabia que não poderia haver crime maior do que assassinar o sangue do seu sangue. Assassinar um parente faria as Erínias se erguerem do mundo inferior e persegui-lo até os confins da terra, açoitando-o com os chicotes de ferro até arrancar a pele de seu corpo. Elas não parariam até que ele ficasse completamente louco. Por causa da profecia do oráculo, porém, ele não podia permitir que esse neto vivesse. Talvez...

3. Não sabemos se Dânae gostou ou não da experiência. Dizem que, para algumas pessoas, a perspectiva de uma chuva dourada é, na verdade, bastante... bem... interessante.

Na noite seguinte, longe do olhar fofoqueiro da cidade, Acrísio prendeu Dânae e o bebê Perseu em uma arca de madeira. Seus soldados pregaram a tampa e arremessaram a arca do penhasco no mar lá embaixo.

— Pronto — disse Acrísio, batendo o pó das mãos como se quisesse se limpar de toda responsabilidade. — Se perecerem, como certamente perecerão, ninguém pode dizer que eu fui a causa direta. Será culpa do mar, das rochas e dos tubarões. Será culpa dos deuses. Não tenho nada a ver com isso.

Com essas evasivas palavras de conforto, o rei Acrísio observou a arca ser levada até sumir de vista.

A ARCA DE MADEIRA

Jogada nas ondas do mar bravio, a caixa de madeira balançava e batia de ilha em ilha e de costa em costa, sem se quebrar nas rochas nem encalhar em segurança nas areias macias.

Dentro da escuridão da arca, Dânae amamentou o filho e esperou o fim. No segundo dia da atribulada viagem, sentiu uma grande guinada, depois um estrondo terrível. Após alguns momentos de imobilidade, ela ouviu a tampa ranger e se mexer. De repente, a caixa foi inundada pela luz do dia, acompanhada de um forte cheiro de peixe e pelo grito das gaivotas.

— Ora, ora — exclamou uma voz amigável. — Vejam só o que pescamos! Eles tinham ficado presos nas redes de um pescador. O dono da voz estendeu a mão forte para ajudar Dânae a sair da arca.

— Não tenha medo — disse, se bem que, na verdade, ele é que estava amedrontado. O que aquilo tudo poderia pressagiar? — Meu nome é Díctis⁴ e estes são meus tripulantes. Não queremos fazer mal a vocês.

4. Que significa simplesmente “rede”.

Os outros pescadores se aproximaram com sorrisos tímidos, mas Díctis os afastou.

— Deixem a senhora respirar. Não estão vendo que ela está exausta? Tragam um pouco de pão e vinho.

Dois dias depois, desembarcaram em Serifos, a ilha onde Díctis morava. Ele levou Dânae e Perseu para sua pequena cabana atrás das dunas.

— Minha esposa morreu dando à luz um menino, então talvez Poseidon tenha enviado vocês para tomar o lugar deles. Não que eu esteja dizendo...

— acrescentou ele, apressado e confuso. — Eu não esperaria, claro... Não estou exigindo nada de você como...

Dânae riu. Era exatamente daquela atmosfera de bondade e simplicidade sem afetação que ela precisava para criar seu filho. Sentia falta de gentileza sincera.

— Você é muito gentil — disse ela. — Aceitamos sua oferta, não é, Perseu?

— Sim, mãe, como quiser.

Não, esse não é o milagre do bebê falante. Já haviam se passado dezesete anos em Serifos. Perseu se tornou um rapaz bom e forte. Graças a seu pai adotivo Díctis, é um pescador confiante e habilidoso. De pé em um barco em mares crispados, consegue arpoar um peixe-espada a toda velocidade e é capaz de pegar uma truta das águas rápidas de um riacho só com as mãos. Corre mais rápido, lança mais longe e salta mais alto do que qualquer outro jovem em Serifos. Luta, monta jumentos selvagens, consegue ordeñar uma vaca e domar um touro. É impulsivo, talvez um pouco arrogante às vezes, mas sua mãe Dânae tem razão em se orgulhar dele e acreditar que é o melhor garoto da ilha, e o mais corajoso também.

A simplicidade da casa de Díctis pareceu ainda mais notável quando Dânae descobriu que aquele humilde pescador era irmão de Polidectes, rei de Serifos. O governante da ilha era tudo o que Díctis não era: orgulhoso, cruel, desonesto, ganancioso, lascivo, extravagante e exigente. A princípio, não havia prestado atenção especial à hóspede de Díctis. Nos últimos anos, no entanto, seu coração sombrio ficara cada vez mais perturbado com sentimentos de atração pela bela mãe daquele garoto impertinente.

Perseu tinha uma forma instintiva e deveras irritante de se interpor entre a mãe e o rei. Polidectes tinha o hábito de visitar quando sabia que seu irmão estaria fora, mas toda vez o pernicioso Perseu estava lá:

— Mãe, mãe, viu minhas sandálias de corrida?

E:

— Mãe, mãe! Venha até a piscina de pedras e marque quanto tempo eu consigo prender a respiração debaixo d'água.

Era muito irritante.

Por fim, Polidectes encontrou uma forma de mandar Perseu para longe. Ele exploraria a vaidade, o orgulho e a fanfarronice da juventude.

Mensagens foram enviadas a todos os jovens da ilha convidando-os para um banquete no palácio em comemoração à resolução de Polidectes de pedir em casamento HIPODÂMIA, filha de ENÔMAO, rei de Pisa.⁵ Foi uma jogada ousada e surpreendente. Assim como o oráculo havia profetizado que o rei Acrísio de Argos seria morto por um neto, também dissera a Enômao que ele seria morto por um genro. Para evitar que sua filha se casasse, o rei de Pisa desafiou todos os candidatos para uma corrida de bigas. Quem perdesse a corrida perderia também a vida. Enômao era o melhor condutor de bigas do reino; as cabeças de mais de uma dúzia de jovens esperançosos já adornavam as estacas de madeira que cercavam a pista de corrida. Hipodâmia era muito bonita, Pisa era muito rica e os pretendentes não paravam de aparecer.

Dânae ficou encantada ao saber que Polidectes havia decidido encarar o desafio. Ela há muito se sentia pouco à vontade na presença dele, e a notícia surpreendente de que o coração dele tinha outra dona foi um grande alívio. Que delicado da parte dele convidar o filho dela para um banquete e mostrar que não havia ressentimentos.

— É uma honra ser convidado — disse ela a Perseu. — Não se esqueça de agradecer com educação. Não beba demais e tente não falar com a boca cheia.

Polidectes destinou a Perseu o assento de honra à sua direita, mantendo a taça do jovem cheia de vinho forte. Fez com o rapaz o que o próprio Perseu teria feito com um peixe.

5. Não a Pisa da torre inclinada na Itália, mas uma cidade-Estado no noroeste do Peloponeso. A busca pela mão de Hipodâmia teve repercussões que reverberaram até o fim da era mítica e as consequências da Guerra de Troia, mas os detalhes ficam para outro momento.

— Sim, essa corrida de bigas certamente será um desafio — afirmou o rei. — Mas as melhores famílias de Serifos me prometeram cavalos para compor minha equipe. Posso esperar que você e sua mãe...?

Perseu enrubesceu. Sua pobreza fora sempre motivo de muita vergonha. Os rapazes com quem praticava esportes, lutava, caçava e corria atrás de garotas tinham criados e estábulos. Ele ainda morava em uma cabana de pedras, bem casa de pescador, atrás das dunas. Seu amigo Pirro tinha um servo para abaná-lo na cama em noites quentes. Perseu dormia na areia, e era mais provável que fosse acordado pelo beliscão de um caranguejo do que por uma serva com um copo de leite fresco.

— Na verdade, não tenho um cavalo, exatamente — lamentou Perseu.

— Como assim? Não sei bem o que poderia ser “um cavalo, exatamente”.

— Na verdade, não tenho quase nada além das roupas do corpo. Ah, eu tenho uma coleção de conchas do mar que, segundo me disseram, pode ser bastante valiosa algum dia.

— Ah, meu caro, meu caro. Eu entendo perfeitamente. Claro que entendo. — O sorriso compreensivo de Polidectes doeu mais em Perseu do que qualquer escárnio. — Era pedir muito esperar que você me ajudasse.

— Mas eu quero ajudar! — respondeu Perseu, um pouco alto demais. — Tudo o que puder fazer pelo senhor, farei. É só dizer.

— É mesmo? Bom, tem uma coisa, mas...

— O quê?

— Não, não, é pedir demais.

— Diga-me o que é...

— Sempre esperei que um dia alguém me trouxesse... mas não posso pedir isso de você, é só um menino.

Perseu esmurrou a mesa.

— Trazer o quê? Pode dizer. Sou forte. Sou corajoso. Sou engenhoso, tenho...

— ...um pouquinho de álcool a mais na cabeça.

— Eu sei o que estou dizendo... — Perseu se levantou, cambaleando, e respondeu de forma que todos no salão pudessem ouvir. — Diga-me o que quer que eu traga, meu rei, e trarei. É só dizer.

— Bem — respondeu Polidectes, dando de ombros, pesaroso, como se estivesse encurralado. — Já que nosso jovem herói insiste, tem uma coisa que eu sempre quis. Será que poderia me trazer a cabeça da Medusa?

— Sem problemas — garantiu Perseu. — A cabeça da Medusa? É sua.

— É mesmo? Está falando sério?

— Juro pela barba de Zeus.

Um pouco mais tarde, Perseu cambaleou pela areia até chegar em casa e encontrou a mãe esperando por ele.

— Você está atrasado, querido.

— Mãe, o que é uma “Medusa”?

— Perseu, você andou bebendo?

— Talvez. Só uma taça ou duas.

— Uma jarra ou duas, ao que parece.

— Não, mas falando sério, o que é uma Medusa?

— Por que você quer saber?

— Ouvi o nome e fiquei curioso, só isso.

— Se você parar de andar por aí feito um leão enjaulado e se sentar, eu digo — respondeu Dânae. — Dizem que Medusa era uma bela jovem que foi raptada e violada pelo deus do mar, Poseidon.⁶

— Violada?

— Infelizmente para ela, isso aconteceu no chão de um templo consagrado a Atena. A deusa ficou tão zangada com o sacrilégio que puniu Medusa.

— E não puniu Poseidon?

— Deuses não punem uns aos outros, pelo menos não com muita frequência. Eles nos punem.

— E como Atena puniu Medusa?

— Ela a transformou numa Górgona.

— Caramba! — exclamou Perseu. — E o que é uma “Górgona”?

— Uma Górgona é... Bom, uma Górgona é uma criatura terrível com presas de javali em vez de dentes, garras afiadas de bronze e cobras venenosas no lugar do cabelo.

6. A descrição das Górgonas em *Mythos* omite a ideia da criação separada da Medusa como uma Górgona mortal. Existem, claro, muitas versões diferentes. A história que Dânae conta a Perseu talvez seja a mais popular.

— Não acredito!
— É essa a história.
— E o que quer dizer “violada”, exatamente?
— Comporte-se — respondeu Dânae, dando um tapa no braço dele.
— Há apenas duas outras como ela no mundo, Esteno e Euríale, mas elas já nasceram Górgonas. São filhas imortais de Fórcis e Ceto, antigas divindades do mar.

— Essa Medusa também é imortal?
— Acho que não, ela já foi humana...
— Certo... e se... digamos, por exemplo... alguém resolvesse caçá-la?
Dânae riu.
— Quem fizer isso é um tolo. As três vivem juntas numa ilha em algum lugar. Medusa tem uma arma especial pior até do que os cabelos de serpente, as presas e as garras.

— E que arma é essa?
— Um olhar dela transforma a pessoa em pedra.
— Como assim?
— Se olhar nos olhos dela por um segundo que seja, você fica petrificado.
— De medo?
— Não, “petrificado” quer dizer transformado em pedra. Você ficaria congelado por toda a eternidade. Como uma estátua.

Perseu coçou o queixo.

— Ah. Então *essa* é a Medusa? Preferia que ela fosse algum tipo de galinha gigante ou quem sabe um porco.

— Por que você quer saber?
— Bom, eu meio que prometi a Polidectes que traria a cabeça dela para ele.

— Você o *quê*?
— Ele queria um cavalo, sabe, e de alguma forma a conversa desviou para essa Medusa e eu acabei dizendo que traria a cabeça dela para ele...

— Você irá ao palácio amanhã cedo para dizer a ele que não fará isso.
— Mas...
— Sem mas. Eu simplesmente proíbo. No que ele estava pensando? Nunca ouvi falar de uma coisa dessas. Agora, vá dormir para curar essa

bebedeira. Daqui para a frente você não vai tomar mais do que duas taças por noite, entendeu?

— Sim, mãe.

Perseu se jogou na cama como ordenado pela mãe, mas acordou rebelde.

— Eu *vou* sair da ilha e *vou* procurar essa Medusa — declarou durante o café da manhã, e nada do que Dânae disse o fez mudar de ideia. — Fiz uma promessa na frente de todos. É uma questão de honra. Estou na idade de viajar, viver aventuras. Você sabe como sou ágil e forte. Sou astuto e engenhoso. Não precisa ter medo de nada.

— Fale com ele, Díctis — pediu Dânae, desesperada.

Díctis e Perseu caminharam pela praia durante a maior parte da manhã. Quando voltaram, Dânae não ficou nada satisfeita.

— É como ele diz, Dânae. Ele já tem idade para tomar as próprias decisões. É claro que nunca vai encontrar a Medusa, se é que ela existe. Deixe-o ir para o continente e experimentar a vida por um tempo. Logo vai estar de volta. Ele consegue cuidar de si mesmo.

A despedida entre mãe e filho foi cheia de lágrimas e angústia de um lado, e tapinhas nas mãos e tranquilização do outro.

— Vou ficar bem, mãe. Já vi alguém correr mais rápido que eu? O que pode me acontecer de ruim?

— Nunca vou perdoar Polidectes. Nunca.

Isso, pelo menos, pensou Díctis, já era alguma coisa. Ele levou Perseu de barco para o continente.

— Não confie em ninguém que ofereça alguma coisa de graça — avisou. — Muitos vão querer fazer amizade com você. Talvez sejam confiáveis, talvez não. Não olhe ao redor como se fosse a primeira vez que vê um porto movimentado ou uma cidade. Pareça entediado e confiante, como se conhecesse o lugar. E não tenha medo de buscar a orientação dos oráculos.

Quanto desse excelente conselho Perseu levaria para a vida, Díctis não sabia dizer. Ele gostava do menino e ainda mais da mãe dele, e o entristecia ser cúmplice de uma aventura tão temerária. Mas, como dissera a Dânae, Perseu estava decidido e, se a despedida fosse atribulada, a ausência dele seria ainda mais difícil de suportar.

Quando chegaram ao continente, Perseu achou o barco de pesca de Díctis muito pequeno e surrado perto dos grandes navios atracados no porto. O homem que ele chamava de pai desde que aprendera a falar de repente também parecia muito pequeno e surrado. Perseu o abraçou com afeto feroz e aceitou as moedas de prata que escorregaram em sua palma. Prometeu tentar mandar uma mensagem para a ilha assim que tivesse alguma notícia que valesse a pena dar. Teve a paciência de ficar no cais e acenar para Díctis e seu pequeno barco, embora estivesse desesperado para começar a explorar o estranho mundo novo da Grécia continental.

OS DOIS ESTRANHOS NO BOSQUE DE CARVALHOS

Perseu ficou perplexo e confuso com o clamor cosmopolita do continente. Só pareciam se importar com ele se fosse para tentar enganá-lo e tomar suas poucas moedas de prata. Não demorou muito para dar razão a Díctis: se quisesse voltar com a cabeça da Medusa para Polidectes, ele precisaria de orientação. O oráculo de Apolo em Delfos ficava a uma boa distância, mas pelo menos era gratuito para todos.⁷

Ele se juntou à longa fila de consulentes e, depois de dois longos dias, enfim se viu diante da sacerdotisa.⁸

— O que Perseu deseja saber?

Perseu quase se engasgou. Ela sabia quem ele era!

7. Posteriormente implementariam uma “taxa de consulta” a ser paga à sacerdotisa, além do custo dos sacrifícios necessários.

8. A sacerdotisa, conhecida como Pítia, segurava um tripé sagrado que a conectava ao chão. Ela recebia suas mensagens de nuvens de vapor sulfuroso que subiam (e ainda sobem) de debaixo da terra em Delfos.



Imagine sandálias nos pés, uma espada na mão e o sol escaldante sobre um elmo de bronze. Os monstros espreitam, os deuses observam das alturas e a glória parece sempre caminhar lado a lado com a tragédia. Este é o mundo dos heróis gregos: mortais extraordinários, capazes de feitos impossíveis e erros devastadores.

Depois de revisitar os deuses em *Mythos*, Stephen Fry retorna ao universo da Grécia Antiga para narrar as aventuras mais grandiosas (e perigosas) já imaginadas. Com humor, erudição e um talento raro para contar histórias, ele nos conduz por jornadas épicas de monstros, enigmas, guerras, paixões e atos de coragem inesquecíveis.

Repleto de perseguições vertiginosas, enigmas insolúveis, covardia, bravura e sacrifícios, *Heróis* é uma jornada fascinante sobre aquilo de que nós, mortais, realmente somos capazes em nossos momentos mais sombrios e em nossos maiores gestos de grandeza.

“Uma releitura irresistível: divertida e profundamente humana. Stephen Fry transforma heróis antigos em companheiros inesquecíveis de jornada.” – *The Guardian*



Planeta



9 788542 243901